

RETRATO DOS IDOSOS NO PAÍS

Com renda estável, pessoas acima de 65 anos são mais facilmente alcançadas pelos planos de contingência contra o Coronavírus

Se, por um lado, as pessoas com idade superior a 65 anos são mais vulneráveis à pandemia do novo Coronavírus, por outro, elas podem ser as mais beneficiadas com as medidas implementadas pelas autoridades sanitárias para reduzir a propagação da doença no Brasil. É o que aponta a pesquisa “Onde Estão os Idosos? Conhecimento sobre o Covid-19”, lançada em meados de abril pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas - o FGV Social.

Isso tem explicação na rede de proteção social oferecida aos idosos no País, impulsionada sobretudo pelo sistema de previdência social, explica o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da FGV (FGV Social). Com renda estável, as pessoas com mais de 65 anos podem ser mais facilmente alcançadas

▶▶ IDOSOS

pelos planos de contingência contra o Coronavírus, que têm como base primeira o isolamento social como forma de reduzir a curva de contágio da doença.

Realizado com dados de recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estudo mostra que a população com mais de 65 anos no País cresceu 20% entre 2012 e 2018, quando passou a representar 10,53% do total de brasileiros. O levantamento mostra que a maioria dos idosos é do sexo feminino, amarelos ou brancos.

Os idosos brasileiros são mais abastados: representam 17,44% dos mais ricos e apenas 1,67% dos mais pobres. Na divisão por classes, compõem 15,54% dentre aqueles que pertencem aos estratos A e B da sociedade, e 13,7% dentre os que integram a camada C. Apenas 1,4% das pessoas com mais de 65 anos estão na classe E.

A desigualdade de renda *per capita* entre os idosos é 10% menor. O grupo também está menos exposto à pobreza: são apenas 2,37% os que se encontram nesse extrato social contra 11,5% da média registrada entre a população em geral. De acordo com a pesquisa, os idosos não pobres registravam apenas 1,58% de chance de descer a esse patamar - índice bem menor que a média da população, de 5,6%. De forma oposta, as pessoas com mais de 65 anos que se encontram em situação de pobreza registram

maior probabilidade de emergirem: 70,51% cruzaram esse estado crítico no período de um ano contra 28,77% da média registrada na população em geral.

“A probabilidade de um idoso entrar na pobreza é menor em mais de um terço do que a média da população. E uma vez na pobreza, a probabilidade de sair dela é, mais ou menos, três vezes maior. Então, é um grupo, do ponto de vista econômico, que tem certa proteção”, explica Marcelo Neri. Para o economista, esse cenário tem justificativa no que classifica como abrangente rede de proteção social. Segundo o estudo, 59,64% são aposentados da previdência social, e outros 44,78% recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Somente 0,89% são beneficiários do Bolsa Família, que paga R\$ 191 por núcleo familiar, valor cinco vezes menor que o do BPC, por exemplo.

Na avaliação de Neri, a maior parte dos idosos está efetivamente bem protegida e tem renda acima da média. Essa estabilidade pode facilitar o desenvolvimento de ações para mitigar os efeitos da Covid-19 junto a esse grupo. “É

A desigualdade e a pobreza entre os mais velhos são menores que na população em geral

um grupo extremamente visível do ponto de vista de políticas públicas, pelas vias da aposentadoria, do BPC e da Previdência Complementar. Temos como constatar e saber quem são, diferente dos informais, do Bolsa Família e do Cadastro Único”, ressalta.

Comunicação é desafio

Se a estabilidade é um fator que pode contribuir para o êxito das medidas que visam mitigar os efeitos do Coronavírus junto aos idosos, a falta de escolaridade e pouco acesso à tecnologia podem dificultar a sua conscientização sobre a importância de aderirem às recomendações das autoridades sanitárias.

O estudo do FGV Social mostra que a taxa de idosos entre os poucos escolarizados costuma ser maior que a média da população. Das pessoas com mais de 65 anos, 16,6% têm entre um a três anos de estudo apenas. Esse índice, no entanto, cai abruptamente para 5,8% entre os mais escolarizados - ou seja, aqueles com 11 anos ou mais de estudo. Apenas 10% têm nível superior completo. Já o percentual de analfabetos é alto, chegando a 30%. “Idosos têm 3,3 anos de estudo completos a menos que a média”, frisa Marcelo Neri.

A taxa de idosos é maior entre aqueles que têm imóvel próprio. Porém, dentre os brasileiros sem internet em casa, eles são 22,47%. Ainda de acordo com o estudo, 12% das pessoas com mais de 65

anos têm TV com antena, enquanto 10,22% são assinantes de TV a cabo.

Outro fator que preocupa é o fato de o idoso brasileiro corresponder, em 19,3% dos casos, à pessoa de referência ou chefe de domicílio. Boa parte deles são avó e avô (91,5%), assim como sogros e sogras (69%) ou pais e mães (61,2%). Por outro lado, residências com pessoas acima de 65 anos têm, em 25,6% dos casos, menor número de moradores que a média geral. De acordo com a pesquisa, esses dados apontam uma dificuldade para o cumprimento da política de isolamento social.

Para Neri, a comunicação mais analógica, simples e direta, parece ser a melhor estratégia de comunicação a ser adotada junto aos idosos, principalmente nesse período de pandemia, inclusive pelas entidades de previdência. O acolhimento também é importante.

“As ações de acolhimento e de cunho psicológico, que transmitam cuidado aos idosos que muitas vezes estão sozinhos, podem motivar. Aproximar mais os idosos é uma vertente interessante, assim como fazer com que interajam com outras gerações”, sugere o economista.

Distribuição geográfica

Segundo projeção para 2020 apresentada na pesquisa do FGV Social, o Rio de Janeiro ocupa o primeiro lugar dentre os estados que têm mais residentes idosos,

“Cada um de nós é gestor de política pública no dia a dia. Temos que cuidar do próximo”

com 13,06% do total. Na sequência estão o Rio Grande do Sul (12,95%), São Paulo (11,27%) e Minas Gerais (11,19%). Na lista das unidades da federação com menos idosos, destacam-se o Pará (7,7%), Acre (6,9%), Amazonas (6,7%), Amapá (5,75%) e Roraima (5,26%). No ranking das cidades, a capital fluminense é a que detém maior percentual - 14,5% no total, seguida por Porto Alegre, com 14%.

No mundo, os países mais ricos são os que registram um número maior de idosos. O Japão é a nação com mais habitantes na terceira idade - 28,4% no total. Em seguida, estão Itália (23,3%), Portugal (22,77%), Finlândia (22,55%) e Grécia (22,28%). O número de idosos é menor no continente africano, Oriente Médio e sudoeste asiático. Nessa lista destacam-se os Emirados Árabes Unidos (1,26%), Catar (1,69%), Uganda (1,99%), Zâmbia (2,13%) e Angola (2,19%).

No ranking global, o Brasil se encontra em uma categoria intermediária, ocupando a 122ª posição, com 9,59% de idosos. Na América do Sul, o Uruguai é o país com maior proporção, ou 15,9% da população.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os idosos estão mais propensos a desenvolver um quadro severo de Covid-19 e detêm taxas maiores de letalidade ao adquirir a doença. Para Marcelo Neri, identificar e localizar essas pessoas é imprescindível para a elaboração das medidas para conter a disseminação do vírus, principalmente diante do fato de não se saber por quanto tempo mais a pandemia irá durar.

Por esse motivo, a Pesquisa “Onde Estão os Idosos? Conhecimento contra o Covid-19” terá desdobramento. A próxima etapa irá detalhar o perfil de quem reside com as pessoas que têm mais de 65 anos de idade. “Estamos analisando quem mora com os idosos para entendermos melhor o desenho da política de isolamento social. Estamos olhando também para a questão das comorbidades, como diabetes, hipertensão e problemas cardíacos e pulmonares, que afetam esse e outros grupos mais vulneráveis ao Covid-19.”

O objetivo, argumenta Neri, é oferecer informações à sociedade, com o maior detalhamento possível e na mesma escala dos dados internacionais. “Cada um de nós é gestor de política pública no dia a dia, no sentido de que temos que cuidar do nosso próximo. E, para isso, informação é ingrediente importante”, finaliza o economista. A íntegra da pesquisa está disponível no [link www.fgv.br/fgvsocial/covidage](http://linkwww.fgv.br/fgvsocial/covidage). ■